

INVASÃO LATIFUNDIÁRIA

Os Guató até agora só ouvem promessas

Um novo contato com os remanescentes Guato espalhados pela Ilha Bela Vista, nas margens do rio Paraguai, em Mato Grosso do Sul, possibilitou à Pastoral Indigenista da Diocese de Corumbá constatar a miséria e o abandono em que vivem aqueles índios. Trabalhando em fazendas, alguns como vaqueiros, pescando e morando de favor nas terras que circundam a Lagoa Gaíva e os rios São Lourenço e Paraguai, eles aguardam ansiosos a demarcação de suas terras pela Funai, para garantir a sobrevivência de seus filhos.

Os 125 índios, porém, sabem que não será muito fácil obter esse benefício num Estado capitalista, onde anualmente os fazendeiros conseguem polpudas verbas durante as cheias do Pantanal.

Por diversas vezes a Funai foi alertada sobre a situação desse povo disperso (alguns buscaram a periferia de Corumbá, Aquidauana e Campo Grande), mas até o momento, além da visita do antropólogo Noraldino Vieira Cruvinel, em 1978, nada mais se sabe a seu respeito.

Afinal, quem são os Guató? Segundo Ivo Schroeder, do Cimi, eles constituem-se o famoso grupo "canoero", que dominou por longo tempo extenso trecho do rio Paraguai e parte do antigo curso do São Lourenço, bem como as lagoas Mandioré, Gaíva e Uberaba.

SIMPRESOSAMENTE

Desde os tempos imemoriais, os Guató mostraram-se sensíveis aos contatos com os colonizadores, recebendo-os amistosamente. Até 1960, estavam bem concentrados, quando chegou à Ilha Bela Vista o seu "dono", Milton Pessoa, morador em Corumbá, que proibiu todo plantio e a criação de animais, pressionando-os a abandonar a área.

Pouco a pouco os índios foram cedendo o lugar para o gado do fazendeiro Milton, que invadiu seus roçados. Começou a dispersão. Hoje, apenas umas cinco famílias resistem na ilha de 20 mil hectares, às investidas do capataz da fazenda, que lhes impede de criar gado, enquanto o do patrão vive invadindo a plantação deles, onde não há qualquer cerca.

Para o Bispo Dom Onofre Rosa, o que ocorre com os Guató é "um absurdo". Ele lança o seu protesto, através do Porantim: "O direito histórico desses índios sobre a Ilha Bela Vista é incontestável, pois ali vivem há muitos anos. Ali morreram e estão enterrados seus antepassados, e de acordo com os índios, a ilha oferecia as melhores condições para o reagrupamento e a sobrevivência de todos".

EXTINÇÃO IMINENTE

Estudos feitos por Ivo Schroeder dão conta que desde o início do século XIX já se via sinais de declínio na tribo. Esses índios, que passavam a maior parte do tempo dentro de suas canoas, com as respectivas famílias, pescando e caçando, tinham como inimigos os Pataguá, do que os portugueses souberam valer-se após os primeiros contatos.

Ivo revela: "Um grupo foi encontrado por Hercules Florence, em 1826, no rio São Lourenço. Praticava o comércio com brasileiros, trocando canoas e peles de animais por facas, machados e outras ferragens, ou então por peças de pano. Foram calculados em torno de 300, embora entrasse notícia de outro grupo de mais de dois mil numa taba na Barra de Gaíva".

Prosegue o relato: "Francis de Castelnau, em 1845, deixou também uma descrição dos Guató, observando entre outras coisas, que cada família leva uma vida isolada e constrói a sua moradia nos lugares mais inacessíveis. Duas vezes por ano, em época certa, os homens se reúnem em lugares previamente indicados pelos chefes, porque estes republicanos por excelência não deixam de ter os seus caciques



Alguns índios no interior da Ilha Bela. Entre eles o Pe. Osvaldo, fazendo recenseamento.

hereditários. Essas reuniões não duram mais de dois dias e ocorrem geralmente em sítios particulares, a que parece votarem respeito religioso, tais como certos picos da Serra dos Dourados e a entrada da Lagoa de Uberaba".

De 1901 a 1928, os Guató foram objeto de estudo científico pelo etnólogo alemão, Max Schmidt, que lhes fez três visitas. Schmidt estudou-lhes a história, costumes, cultura material, descreveu-lhes a etnia e levantou o vocabulário da língua. Já Frederico Rondon teve seu último contato com a tribo em 1936.

DENUNCIA

Através do contato feito em novembro de 1979, e dos anteriores, Ivo Schroeder analisou o drama vivido pelos remanescentes: insegurança total no que diz respeito às terras, seus expulsos do seu habitat tradicional, não encontram mais terras sem dono. Chegam a esmolar um canto para se refugiar, sobrevivem da venda de peixe e do trabalho nas fazendas, onde ainda se usa o "pirain", tendo-se também notícias de maltratos e destruição das próprias lavouras, a caça está proibida, principalmente o jacaré e a onça pintada, e com isso o índio ficou sem uma das atividades fundamentais de sua cultura, uma vez que o jacaré era parte de sua dieta e a onça, o teste de suficiência para um menino passar da puberdade à maturidade e poder caçar.

Por último, uma denúncia tão séria quanto à da ausência das terras demarcadas: "Os Guató estão espoliados, sem rumo e sem ajuda, perdidos muitos dos seus traços culturais. Os homens, mais que as mulhe-

res, vêm se entregando à embriaguez, em total desânimo, sem constituir famílias, aparentemente em processo de auto-eliminação. As mulheres mais animadas, partem para casamentos com não Guató".

A LUTA PELA TERRA

Redescobertos pela Equipe de Pastoral Indigenista de Corumbá, os índios vêm se manifestando para que a Funai estude e demarque uma reserva na área onde se encontram. No final de 1977, a Pastoral organizou várias viagens até os núcleos dos últimos Guató. Um linguista e funcionários da Funai, entre os quais um antropólogo, também estiveram em contato com os Guató. Vários relatórios foram elaborados, sem contudo resultarem em medidas concretas e positivas.

Em 1978, no 3º Encontro de Pastoral Indigenista, o general Ismarth Araújo Oliveira, então presidente da Funai, prometeu em Aquidauana resolver o drama desse grupo. A Diocese cobrou posteriormente a promessa, "pois o general, em carta, reafirmou que deixaria o problema resolvido". O novo presidente, Adhemar Ribeiro da Silva, consultado no início de sua curta gestão, informou que o processo relativo aos estudos para criação da reserva dos índios Guató "já se encontrava em fase final, contando o mais rápido possível poder iniciar a sua execução".

Entretanto, a secular ilha, onde até hoje dois cemitérios antigos são conservados, com muitos nomes de velhos Guató, foi tomada por um fazendeiro. E nenhuma terra pertence, de direito aos mais idosos, seus filhos e netos.

"A ilha seria para todos"

O Padre Osvaldo Scotti, de Corumbá, numa viagem a Bela Vista, avistou-se com alguns Guató, entre os quais o chefe Manoel. Eis o diálogo entre eles:

Quantas famílias estão vivendo atualmente na ilha?
Manoel - Vivem quatro famílias aqui.

E estas famílias têm aproximadamente quantos filhos?
Manoel - Minha família tem quatro. Mas tem muitas crianças por aí.

Sabemos que muitas famílias foram embora daqui. Qual foi a causa delas deixarem a ilha?
Manoel - O problema foi do fazendeiro. Ele não queria a gente aqui. E todos foram indo embora. Elas saíram por não aguentar a amolação do fazendeiro, o seu Milton.

E quem está aqui administrando a fazenda?
Manoel - O seu Jerônimo é que começou com o problema do pessoal ter que sair da ilha. Foi em 72 que começou a sair mais gente.

Ele pressionou vocês para ir embora? Mostrou algum documento?
Manoel - Ele falava que a ilha era da fazenda e que era preciso a gente sair. Não mostrou documento, não. Só falava que era dele, mas a ilha é dos Guató.

"NÃO TEM UM CABEÇA"

Na mesma ocasião em que conversou com Manoel, o padre salesiano ouviu Zeca, um dos poucos a defender o direito dos seus companheiros índios.

Você acha que os Guató que foram embora gostariam de voltar para a ilha?
Zeca - Alguns podem voltar, como esses aqui da beira do rio, conhecidos. É porque há enchente e cava a barranca. Sabe, sai fora e aí a gente convidando para vir, podem vir. Por minha parte eu ficaria satisfeito que viessem todos os Guató morar aqui.

Vocês estão trabalhando, criando gado?
Zeca - Não, nós não criamos. Não tem jeito de comprar. "Cholô", que estava aqui e tinha gado, saiu fora por causa do fazendeiro. Teve outros, o seu Constantino, seu Sampaio.

Por que vocês não se unem para defender seus direitos?
Zeca - Porque não temos jeito, não tem um cabeça. Nós vive aqui só lutando com nossa rocinha mesmo, não temos jeito de falar, não temos uma saída, não tem uma pessoa nem ao menos que orientasse nós um pouco.

Por que vocês querem toda a ilha, calculada em 20 mil hectares, se vocês são apenas quatro famílias?
Zeca - Ela não seria só para nós. É para nós e outros pobres que têm aí. Eles precisam trabalhar sossegados.

Que tipo de trabalho vocês fazem aqui na ilha?
Zeca - Lutamos com roça, plantamos mandioca, milho, feijão. Se a gente pudesse criar gado, criava. As crianças aqui não tomam leite todo dia porque não tem vaca.

E quanto ao problema das terras? Gado precisa de terra para pastagens, principalmente no período da seca. Vocês não entrariam em atrito com os fazendeiros?
Zeca - Não senhor, nós iríamos fazer o possível de aprontar o pasto.

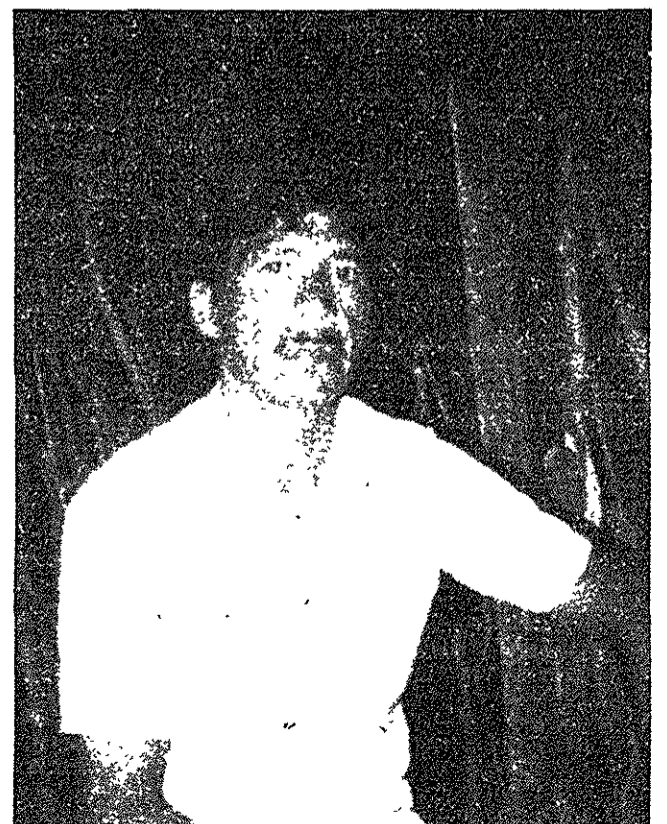
SAÚDE

E o problema de saúde, como vocês resolvem? (responde outro Guató)

Armando - O Exército ajuda um pouco. Agora tem o problema de professor, que nós queria que a Funai e a Prefeitura resolvesse. Precisamos de uma escola.

Ai está dona Zulmira, que é uma Guató pura e viveu muitos anos aqui e poderia nos dizer os nomes de alguns índios que nasceram, viveram, morreram e estão aqui enterrados:

Zulmira: João Artur, finado era velho mesmo; Leonor, José Maria, Matias morreu bem velho. Todos viveram aqui.



Ele só quer viver no velho reduto Guató.

INVASÃO LATIFUNDIÁRIA

Estranhos em sua própria terra

O que será feito de um povo considerado estranho em sua própria terra?

- Difícil responder, conclui-se, embora pressinta-se igual destino das demais nações em idêntica situação, nas diferentes regiões brasileiras.

Os *Guatô* dominavam uma grande área de terras, usando-as como dono e senhores. Após a chegada dos portugueses e espanhóis, esta área passou a ser ocupada pouco a pouco, e com a criação de gado, através da implantação de grandes fazendas no Pantanal, cada pedaço de terra passou a ser de posse de um indivíduo não índio.

Em 1925, Eulálio Soares, o "velho Choló", de Miranda - atualmente morando fora da Ilha de Bela Vista-, abriu o porto onde está sediada hoje a fazenda, com a ajuda dos índios João Artur, Manoel da Silva, José Maria e Leonor. Plantou roças e iniciou a criação de gado.

Nos idos de 1937/38, "Choló" permitiu a Inocêncio da Rocha instalar um barracão próximo à sua residência, bem

como o uso do porto para embarque e desembarque de mercadorias. Alguns anos depois entra na ilha Miguel Gatazes, iniciando a criação extensiva do gado. Na década de 1950, a pedido de "Choló", e tendo em vista o ponto estratégico da ilha, o Exército instalou ali uma base. Já em 1961, o domínio dos Gatazes era total, tendo "Choló" que se mudar para fora dela.

RECUPERAÇÃO IMPOSSIVEL

De acordo com relatório da Funai, concluído em julho de 1978 pelo antropólogo Noraldino Cruvinel, "a técnica usada pela família Gatazes para a expulsão dos *Guatô* e outras, consistia em permitir que o seu gado destruísse as plantações dos mesmos". "Ao mesmo tempo, cortava-se o fornecimento de mercadorias", salienta o documento.

O atual "dono" da ilha, Milton Augusto Pessoa, é casado com uma mulher da família Gatazes.

A base do Exército na ilha conta hoje com uma pequena

construção, incluindo duas casas residenciais. Normalmente, cabos e praças servem no local. A mais nova base, implantada às margens do Canal Pedro II, em Porto Indio, tem 19 casas, escola, oficina, barracão e enfermaria, todavia a área do Exército não chega a 12 hectares.

A posse legal da ilha foi requerida, por duas vezes, pelo velho "Choló", sem êxito. Os Gatazes não possuem documentação definitiva, embora tudo tenha feito para tal.

Em comunicação apresentada na XI reunião da Associação Brasileira de Antropologia, no Recife, em 1978, Adair Pimentel Palácio sustentou que "os *Guatô* estão precisando de assistência oficial: falta-lhes uma área onde possam reagrupar-se para enfrentar as opções de sobrevivência que lhes oferece o convívio com a sociedade nacional, sem estarem necessariamente sujeitos à espoliação ou à benevolência dos fazendeiros que se estabeleceram em seu antigo território".